

TRÊS LEITORES.

A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA DE CONSTANÇA PARA O ESTUDO DA LITERATURA

Gunter Karl Pressler
Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *Teoria e crítica literária não se definem apenas como influências entre autores, ou configurações temáticas e estilísticas recorrentes. A questão complexa da identidade entre público e a identidade histórica entra em vigor. O artigo apresenta um balanço da pesquisa sobre a Estética da Recepção que envolve o processo da leitura com três tipos diferentes de leitores, dentre do agrupamento dialético entre obra – autor – leitor. A pesquisa desde 1997 investiga a proposta da Escola de Constança e suas implicações: o leitor profissional, o leitor implícito e o leitor empírico comum.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Escola de Constança; leitor profissional, leitor implícito e leitor empírico comum.*
- **ABSTRACT:** *Theory and criticism literary define not only a influence between authors ou configuration tematics our stylistic currentes. Important is a question of complex identity between public and historical identity. This paper present a balance of the investigation about the Esthetic of Reception, who focuses on the process of reading of three different types of reader in the context of dialectic between work – author – reader, studing the proposal of the School of Konstanz and his implication: the professional reader, the implied reader and the empiric common reader.*
- **KEY WORDS:** *Theory of Reception; Reading; Reader.*

Genette, em *Discours du Récit* (1972, p. 72), questiona-se por que a teoria da narrativa se preocupou tão pouco com “os problemas da enunciação narrativa, concentrando toda a sua atenção no enunciado e seu conteúdo”. Se isso fosse um fato secundário, as aventuras de Ulisses não teriam sido contadas tanto por Homero quanto pelo próprio Ulisses. Genette (1972, p. 72) ressalta que “sem o ato de narrar não há um enunciado e, naturalmente, nenhum conteúdo narrativo”. Jauss, em *História da Literatura como Provocação da Ciência da Literatura* (1967), questiona-se por que a teoria literária até agora não tinha se preocupado com o elemento oposto: o destinatário, o leitor. Percebe-se nos meados

da segunda metade do século XX, o cruzamento, a complementação e a diferenciação de dois elementos fundamentais da narrativa literária: o autor textual e seu discurso (narrador) e o leitor empírico e implícito.

O dinamismo epistemológico do Formalismo e do Estruturalismo gerou depois da “morte do autor”¹ uma atenção especial à questão do “autor”: o autor textual. Mas o mesmo dinamismo, só com outros pressupostos e em oposição ao conceito “público” da sociologia da literatura, despertou o conceito do “leitor”. O argumento sociológico direcionou desde a década de 20 o juízo estético. Jauss distanciou-se criticamente desse conceito “público” para poder elaborar sua proposta de estudar a “recepção”; recepção não é simplesmente uma palavra homônima da palavra público. Confundir público com recepção não permite compreender a “estética” no contexto da interpretação da literatura e sua historiografia. O livro fundamental que fechou um leque de conhecimento a respeito da proposta inicial (e completa) de Jauss foi publicado em 1989, *Estética da Recepção e História da Literatura*, de Regina Zilberman. A autora não ressalta somente a abordagem sistemática dos pressupostos filosóficos da Estética da Recepção (capítulo 1) e a situa no contexto histórico do debate teórico desde o início do século XX (capítulo 2)², mas apresenta explicitamente a proposta dessa vertente de Constança para uma “nova história da literatura” (capítulo 3)³. Em seguida, ela sintetiza a própria aplicação de Jauss sobre o drama *Ifigênia em Táuride*, de Wolfgang von Goethe (capítulo 4) e observa as implica-

¹ Cf. Roland Barthes (1968), Umberto Eco (1983) e o texto pioneiro de Walter Benjamin (1934) In: Id. (1987), p. 120-36.

² Uma síntese desta questão encontra-se em Silva (1999, p. 300-329, capítulo 3.11).

³ Na apresentação, a autora alerta o leitor para a intenção desse livro, que não pretende apresentar atrasadamente “o último grito [...] depois de a moda ter se esgotado em seu lugar de origem” (p. 5). Essa não é a perspectiva, ao contrário, não quer “colaborar para a alienação e dependência culturais, de que aquela frivolidade é um dos sintomas” (p.5). Pode-se verificar todo o debate no contexto da ANPOLL, pois não foi criado por acaso o GT História da Literatura em 1992, durante o VII Encontro, em Porto Alegre. Cf. os *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS* (Porto Alegre), Volume 1, número 2, junho de 1995; volume 3, número 1, abril de 1997, volume 4, número 2, novembro de 1998 e as publicações em torno desse GT).

ções teóricas que direcionam o seu pensamento para a pesquisa sobre a experiência estética na moldura de uma concepção da *Hermenêutica Literária* (capítulos 5 e 6). Um passo decisivo para a aplicabilidade dessa teoria no contexto da literatura brasileira foi o estudo da recepção do romance machadiano, *Helena* (capítulo 7).

No texto da orelha da tradução do livro de Jauss em 1994, Zilberman dirige a atenção à questão historiográfica no contexto da teoria literária: “Seu [Jauss] propósito era reabilitar a história da literatura”, mas não como metadiscorso sobre o conceito “história”. Como leitor de Benjamin, Sartre e Gadamer, Jauss concretiza a historicidade da obra e do gênero na leitura e “formula sua proposta: à história da literatura compete levar em conta a recepção”. A recepção é um processo histórico e estético da leitura, que configura uma determinada compreensão (“as obras são lidas, é porque são compreendidas”) — alvo do desdobramento teórico jaussiano. “Jauss é materialista”, diz Zilberman para caracterizar a proposta dele, que não só leva em conta a obra e o público como constituintes, mas também a sua relação dialética.

* * *

Uma condição imprescindível da pesquisa científica em geral – em analogia à construção de uma casa – é o fundamento⁴, mas antes da própria construção do fundamento é necessário um terreno e marcar o seu lugar: a famosa procura de tema e sua delimitação. Pensando em nosso assunto da Estética da Recepção, a pesquisa é cercada por dois momentos: um, vindo do estudo sobre a recepção de Benjamin no Brasil, “a fim de saber como ele

⁴ Essa metáfora tem o perigo de entendê-la dentro da nossa vivência nos trópicos que, tradicionalmente, não precisa uma casa com um fundamento sólido, mas precisa de um teto seguro contra chuva. Não quer dizer que esse teto seguro deve ser entendido como proteção contra a crítica (seguramente uma preocupação maior do que mostrar um bom aprofundamento teórico). Crítica na sua substância e no seu efeito é – dentro da nossa metáfora da construção da casa – um seguro contra a má escola do mestre de obra e falhas na construção: lacunas, ligações fracas, vazamentos, etc.

foi lido, interpretado e aplicado” (Pressler, 1997, p.94), mas, para isso, a Estética da Recepção só serviu como suporte ideário; e outro, situado e contextualizado numa pesquisa no Programa de Iniciação Científica. A tarefa era fundamental e iniciante: a busca do conhecimento e sua metodologia.

O percurso desse artigo-relatório sobre a pesquisa feita desde 1996 segue a linha das nossas apresentações em grupo:

- primeiro, Sant’Ana apresenta os conceitos de Jauss sobre Estética da Recepção e suas traduções;
- segundo, Carmo observa, na pesquisa sobre leitores profissionais (historiadores e críticos literários) acerca de obras de José de Alencar e Manuel A. de Almeida, a sua aplicabilidade;
- terceiro, Lisbôa diferencia os conceitos de Iser sobre Estética de Efeito, particularmente o “leitor implícito”, aplicado em obras de Machado de Assis;
- e, finalmente, Ferreira & Carvalho verificam a aplicação de determinados conceitos da Estética da Recepção (experiência estética, quebra do horizonte de expectativa) num estudo com leitores empíricos comuns (Gunter Grimm e outros).

* * *

As primeiras traduções de textos da Escola de Constança apareceram em 1979 e 1984, em antologias organizadas por Lima. Mas o texto que inaugurou a Estética da Recepção foi traduzido no Brasil somente em 1994 (em Portugal 1974 e 1993): *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. A mais recente tradução de um artigo de Jauss (um texto de 1970) encontra-se na antologia organizada por uma das primeiras tradutoras de Jauss, Olinto, *Histórias de Literatura. As Novas Teorias Alemãs* (1996).

O objetivo de Sant’Ana (1998), na primeira fase da pesquisa, era “explicitar seu [Estética da Recepção] conteúdo teórico

e sua metodologia a saber como ela foi lida, interpretada e aplicada no Brasil”, e como resultado ele constata:

No Brasil, diferentemente do que se acreditava, a indiferença quanto à Estética da Recepção não foi tão grande. As publicações de 1979 e 1983 das coletâneas contendo os ensaios importantes dos teóricos da Estética da Recepção, mesmo realizadas doze anos após a inauguração dessa vertente, aconteceram logo depois que foram lançadas as edições francesa e americana. (1999)

— mas, citando Zilberman, no mesmo instante, outras teorias chamaram a atenção do leitor brasileiro:

Todavia, quando a antologia apareceu, outras tendências teóricas, vinculadas sobretudo aos trabalhos de M.Bakhtin, W.Benjamin e J.Lacan, estavam igualmente sendo divulgadas, atraindo o intelectual brasileiro e, ao mesmo tempo, diversificando as opções de investigação, enquanto se encerrava o círculo estruturalista, tão marcante e quase hegemônico durante a década de 70. (1989, p. 6).

Lima (1979, p. 12) compreendeu a importância da proposta de Jauss: sair do quadro fechado da interpretação imanente; logo observou o deslocamento da atenção para o leitor, e percebeu-a também como saindo da “textualidade” para o “plano dos pressupostos”, mas a sua atenção estava voltada para o leitor e sua experiência estética, visando às questões da comunicação literária e “deixando de fora a conferência [de Jauss]”, por isso

(...) teria truncado o entendimento dessa vertente teórica e teria impedido também de compreender a importância que assume a experiência estética do leitor na proposta de Jauss a respeito da nova escrita da história da literatura [...] O texto que talvez tenha mais contribuído para a divulgação da Estética da Recepção no Brasil é o livro da professora Regina Zilberman. (Sant’Ana, 1999, p. 111).

Zilberman voltou-se à proposta de 1967, reescrever a história da literatura; neste contexto, Sant'Ana levanta os conceitos centrais de Jauss:

A importância da Estética da Recepção deve ser entendida a partir da sua proposta de reescrever a história mediada via horizonte de expectativa do leitor e pela motivação de uma série de questionamentos das premissas que, até então, orientaram a historiografia no âmbito da literatura [...] Jauss é o inaugurador dessa nova estética ao propor uma história da literatura que conjugasse tanto a historicidade das obras quanto as suas qualidades estéticas, sem deixar que uma sobrepujasse a outra. (Sant'Ana, 1999b).

As implicações para uma modificação do ensino da literatura a partir da atenção ao leitor, Sant'Ana (1999c) designa metaforicamente:

(...) o aluno sempre foi visto como um copo vazio que precisa ser enchido: história da literatura, biografia dos autores, conceitos e períodos literários, não importam as idéias dos alunos, a tarefa é aprender e reproduzir o conhecimento já existente.

Numa segunda fase da pesquisa, Sant'Ana (1999d) confirma o aspecto da ressonância bastante razoável de Jauss no Brasil e percebe que foi superada a contradição “entre História da Literatura e Estética, permitindo o entendimento da permanência de uma obra de arte ao longo do tempo e esclarecendo a formação do juízo estético”.

O livro de Zilberman fechou um leque de conhecimento a respeito da proposta inicial (e completa) de Jauss e abriu um espaço para pesquisa nessa linha, p.e. o livro de Figueiredo sobre Lima Barreto (1995) e o estudo de Queiroz (1997, p. 21/22) que enfoca a proposta da Escola de Constança diante da questão do cânone e da perspectiva feminista, observando que “a história da

literatura é também história dos valores que cada época confere aos objetos de representação”.

Nesta linha de questionamento encontra-se a pesquisa de Carmo (1998/1999). Ela escolheu a “história da recepção crítica das obras *Lucíola*, *Iracema* e *Memórias de um Sargento de Milícias*”, enfocando o leitor profissional identificado por Jauss como crítico literário e historiador, pois ele

(...) realiza um processo de análise estrutural (recursos estilísticos e lingüísticos) e/ou interpretativa (conteúdo sócio-político-filosófico), baseado em seus conhecimentos da teoria literária e na sua visão de mundo. Essa interpretação é influenciada pela passagem do tempo, sendo conceituada pela Estética da Recepção como “horizonte de expectativa” e “mudança de horizonte de expectativa”. (1999, p. 113)

Neste sentido, a pesquisa em questão

(...) vem demonstrando a *historicidade* da obra literária na pCarvalho de José de Alencar e de Manuel Antônio de Almeida, tomando como referencial não só os aspectos temáticos (a psicologia, a malandragem, a mestiçagem, a prostituição, a influência estrangeira, a corrupção, o folclore, o machismo, o preconceito, etc.) mas também estruturais (linguagem, estética do texto, narrador, marcas estilísticas, etc.), analisados pela crítica literária brasileira. (1998).

Carmo levantou, nas molduras possíveis de uma pesquisa na graduação, a literatura crítica acerca das obras referidas e identificou os aspectos centrais dessa recepção nas críticas de Machado de Assis, Sílvio Romero, Rachel de Queiroz e etc. Baseada no estudo do crítico norte-americano Dunn (1997), ela ressalta a semelhança entre as obras estudadas *Pocahontas, a Historical Drama*, de Owen (1837) e *Iracema*, de José de Alencar.

Dunn revela a ilusão ideológica mascarada pelo idealismo romântico-nacionalista-indianista, quando ressalta o fato de o indígena ter sido 'valorizado' somente após sua dominação, sendo por isso, identificado como uma espécie de instrumento a serviço de fervores nacionalistas da burguesia.

Neste sentido, os dois romances supracitados traduzem os valores culturais da classe social de seus produtores, isto é, atribuem ao indígena, que neles aparece descrito, uma identidade em que a elite branca deseja que ele tenha, evidenciando a descaracterização da cultura indígena em favor dos interesses do dominante. A fundação da América "se torna bela e gloriosa, em vez de violenta e destrutiva" (Carmo, 1998b)⁵.

Iracema canonizou-se na literatura brasileira como obra prima e recebeu mais atenção dos críticos, enquanto a obra *Lucíola* "não teve a mesma repercussão [...] por apresentar um tema ousado para a época: a prostituição; até ignorado pela literatura brasileira" (1999, p. 115). A obra recebeu uma recepção somente na década de 70 com o advento da Psicologia e da questão da literatura feminista. Citando a constatada dicotomia Lúcia/Maria da Glória, objeto de estudo de Leite (1977) que representaria a separação entre corpo e alma, Carmo resume que

(...) cada tipo de amor ocupa seu lugar em determinada esfera social: o primeiro é dedicado às mulheres de baixa renda (feitas para amar fisicamente), e o segundo às da elite (dignas de respeito, pois era convencional, para a sociedade machista da época, manter os prostíbulos a fim de saciar os seus desejos e taras, aspectos reprimidos pelo casamento). No contato com a prostituição, o homem não é em nenhum momento afetado a mulher, porém, já pode

⁵ Num trabalho apresentado no III Encontro do IFNOPAP, "Memória e Comunidade" (Belém-Santarém, julho de 1999), Carmo investigou os traços semelhantes entre *Iracema* e figuras mitológicas: Helena, Diana e Iara. A partir dessa pesquisa, que se desdobrou exclusivamente sobre os romances de Alencar, foi apresentada uma síntese na 52ª Reunião da SBPC, Brasília, 9 a 16 de julho 2000.

considerar-se irremediavelmente perdida. Grosso modo, os erros do homem são perdoados e os da mulher são cruelmente castigados. (1999, p. 115-6).

A escolha das *Memórias* justificou-se pela contemporaneidade dos autores e pela mesma

(...) quebra do horizonte de expectativa" no leitor contemporâneo. Os críticos literários e historiadores ficam até hoje na incerteza de classificá-la genericamente (novela/romance?) e periodicamente (Romantismo/Realismo?). Mas já a estrutura narrativa rompe o horizonte de expectativa: "A começar pelas primeiras páginas, quando se esperava um narrador-protagonista contando suas memórias [...] aparece um narrador heterodiegético, que não é Leonardo. Sobre o fato de Leonardo se tornar Sargento, que deveria ser o tema do livro, só se fará menção no último capítulo, após as travessuras da infância, das paixões e da ociosidade, ocasionando a passagem de uma vida irregular para outra ordenada conforme os padrões românticos. (1999c).

Uma marca na recepção é o estudo de Antônio Candido de 1970: "A Dialética da Malandragem". A grande mestria de Antônio Candido encontra-se na sua tentativa sistemática de fundar a disciplina teoria literária como uma disciplina de investigação de assuntos de estudos literários e aprofundamento da eterna discussão sobre a relação entre história e literatura. E seu aluno Davi Arrigucci Jr. constata: "Desde o princípio [...] Candido buscou desenvolver um método crítico que fosse de fato estético e histórico a um só tempo [...] Seu traço fundamental talvez seja ainda uma propriedade do leitor: a profundidade e a amplitude da compreensão" (1999, p.246).

A respeito dos conceitos centrais de Jauss, aplicados nesse levantamento, Carmo conclui previamente que todas as três obras quebraram o horizonte de expectativa e se classificaram na

história da literatura brasileira pela mudança de horizonte de expectativa da leitura histórica e crítica.

O texto central e o ponto de partida do estudo sobre Iser, na moldura do nosso projeto, é o livro *O Ato de Leitura* de 1976, traduzido o primeiro volume em 1996, ou seja, os dois primeiros dos quatro capítulos. A maior parte do capítulo IV já foi traduzido na antologia de Lima em 1979. Na introdução da primeira edição, Iser (1996, p.15) apresenta sua terceira obra, depois de *A Estrutura Apelativa do Texto* (1970) e *O Leitor Implícito* (1972), da seguinte forma: “o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura”. Desses pólos – texto e leitor – e sua interação, parte a teorização sobre os efeitos dos textos literários, abordados nos capítulos II, III, IV. Mas o próprio texto é uma comunicação em e por si mesmo, quer dizer, no centro está a “intenção comunicativa do texto” — a estrutura do texto e o processo da leitura provocado pelo texto. Iser alerta que até agora só se encontra a descrição dessa situação específica. Quais são os seus impulsos? Pois eles constituem “os pressupostos necessários para o processo de constituição do texto [...] na consciência do leitor” (1996, p. 16; esses impulsos são tratados no último capítulo, seguindo a lógica da indagação fenomenológica de Iser). Nessa “dialética de três passos” (*dialektischer Dreischritt*), a relação entre texto, leitor e sua interação, Iser fundamenta sua Estética do Efeito, na qual inerentemente está a questão da essência, natureza e definição da literatura. O que, então, consta no primeiro capítulo? A “situação do problema”, desenvolvida a partir de um texto de Henry James, *A Figura no Tapete* (1896), que é um metadiscorso narrativo sobre a estrutura e sua estratégia como texto literário.

A segunda parte desse capítulo trata da concepção do leitor implícito — a pesquisa de Élen M. M. Lisbôa. A trajetória de Iser parte – como já vimos acima – do texto (a estrutura apelativa do texto), passa pelo leitor (o outro pólo, mas não o leitor empírico da Estética da Recepção como objeto de estudo) e pelo proces-

so da leitura para chegar numa antropologia literária⁶. “A interpretação começa hoje a descobrir sua própria história, ou seja, não só os limites de suas respectivas normas, mas também os fatores que não se manifestavam sob as normas tradicionais. Um desses fatores é, sem dúvida, o leitor” (1996, p. 49). Junto com Jauss, Iser propõe a proposta teórica que se consagrou como Escola de Constança: o desdobramento crítico sobre uma prática interpretativa que ausentou esse fato constitutivo no (auto)engano ideológico de uma objetivação do juízo estético.

Se a interpretação orientada para a significação [bedeutungsorientierte Interpretation] tratava os dois processos – o de constituição [a estrutura do texto] e o de realização de sentido [no processo da leitura] – como se prescindissem de explicação, então era para isso decisiva a sua meta (1996, p. 55)⁷

de averiguar o significado objetivo, pois determinante nas suas características, dos textos. Iser fala de uma “subjetividade cultivada” que se apresentou como objetividade e responde, assim, às críticas direcionadas à teoria do efeito, a qual favorece uma arbitrariedade subjetiva e a privatização do texto. Eagleton (1997, p. 109), por exemplo, desvia uma compreensão certa — “Iser [levamos] a uma autoconsciência mais profunda, catalisar uma visão mais crítica de nossas próprias identidades” — a uma interpretação ideológica: o “humanismo liberal de Iser [é] autoritário” (1997, p. 112).

⁶ Em 1987, Iser publica *Laurence Sterne's 'Tristram Shandy'*, um estudo que é considerado modelo de aplicação da sua teoria. Além disso, o estudo é uma introdução à estrutura do romance moderno em geral: a reconstrução da gênese da subjetividade moderna. Em 1991, Iser publica a “suma mais instigante e complexa” (Luiz Costa Lima) da sua reflexão sobre a literatura: *O Fictício e o Imaginário. Perspectivas de uma Antropologia Literária*, trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ 1996.

⁷ A tradução de Kretschmer continua nesse trecho de seguinte forma “de apreender a significação referencial do texto”.

A reflexão sobre a relação entre texto e leitor ressalta tanto os constituintes do texto e seus possíveis efeitos quanto a constituição e compreensão no leitor.

De um lado, a obra ao ser consumida provoca um determinado *efeito* sobre o destinatário, de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes, esta é a sua *recepção*. Desse modo as palavras-chave efeito e recepção, que aqui são diferenciadas, terminam por formar os princípios centrais da Estética da Recepção que alcança, portanto a sua plena dimensão quando esses princípios se interligam. Neste ponto, encontra-se presente uma das possíveis contribuições que Iser concedeu à pesquisa de Jauss. (Lisbôa, 1998; nas palavras de Iser: “o próprio texto é a ‘prefiguração da recepção’”, 1996, p.7).

A partir desta distinção entre as estéticas da Escola de Constança, Lisbôa (1998) enfoca sua tarefa ressaltando na estrutura do texto “a interação entre o texto e o leitor”⁸. Essa relação ocorre num primeiro contato entre o texto literário e o leitor empírico, mas o interesse epistemológico e fenomenológico de Iser detém-se na relação dialética que antecede a empírica da recepção, àquela entre os pólos do próprio texto (narrador e leitor/narratário), que Iser denomina a “concepção do leitor implícito” (1996, p.63-79).

O objetivo da pesquisa situa-se na compreensão e aplicação, uma forma de concretização da reflexão teórica dessa concepção do leitor implícito em que Iser pronuncia o ponto da indeterminação da interação entre texto e leitor:

⁸ Num outro momento, um trabalho apresentado no III. Encontro do IFNOPAP, “Memória e Comunidade” (Belém-Santarém, julho de 1999), Lisbôa diz: ‘Esse pólo de comunicação irá se desenvolver a partir do momento em que ocorrer uma interação entre o narrador e o leitor, como se ambos pudessem estabelecer um tipo especial de diálogo’ (grifo nosso).

Para o entendimento do Leitor Implícito iremos explorar, em particular, a concepção de vazio em um texto literário. Os vazios existentes em um texto fazem com que o leitor sinta necessidade de preenchê-los e para que isso ocorra teremos na maioria dos casos a projeção do leitor em relação à obra. (Lisbôa, 1999a)

Apoiando-se nas constatações de Costa Lima (1983, p. 23) de que “a comunicação entre o texto e o leitor fracassará quando tais projeções se impuserem independentes do texto”, Lisbôa destaca os pressupostos essenciais para o processo de estruturação do Leitor Implícito.

O leitor, enquanto receptor de textos, deve evitar certas visões estereotipadas no momento da leitura. Segundo Costa Lima, a comunicação entre o texto e o leitor ‘dependerá de o texto forçar o leitor à mudança de suas representações projetivas habituais’ (Lima, 1983, p. 23). Com isso, o leitor deveria “sair de sua casa e se prestar a uma vivência no estrangeiro; testar o seu horizonte de expectativas; pôr a prova sua capacidade de preencher o indeterminado com um determinável”. (Lima, 1983, p. 24 apud Lisbôa)

Com o estudo do Leitor Implícito, Lisbôa afirma a possibilidade de

(...) ultrapassar o alcance limitado da interpretação estrutural de textos literários, proporcionando uma particular atenção para o papel do leitor. Em vista disso, ressaltamos o estudo do Leitor Implícito e de suas estratégias textuais para uma elaboração metodológica que possui a capacidade de auxiliar a análise da obra literária por intermédio de estruturas específicas do texto, procurando um equilíbrio entre os papéis oferecidos pelo texto e as reações evidenciadas no leitor a partir de sua recepção. (Lisbôa, 1999 a, b)

Num primeiro momento da pesquisa inicial, percebe-se que o conceito “leitor implícito” foi detectado como destinatário

identificado na narração “por meio de referências explícitas” como “leitor”, “querido leitor”, etc. — e aí, a obra da chamada segunda fase de Joaquim Maria Machado de Assis se oferece como objeto *par excellence* ao estudo desse tipo de leitor. Num segundo momento, a pesquisa levanta formas gráficas e retóricas que identificam um leitor implícito, p.e., utilização de travessões no meio da narrativa: “Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio”; exclamações, p.e.: “Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos!”; utilização dos pronomes pessoais, p.e.: “nosso médico” e formas de elipse que implicam o preenchimento (do vazio) pelo leitor: “De como Itaguaí ganhou uma casa de orates” (trechos das duas obras *Memórias Póstumas de Brás Cuba* e *O Alienista*, escolhidos por E.Lisbôa (1999).

Depois da familiarização com os pressupostos fenomenológicos e a terminologia de Iser, percebe-se que o leitor implícito não é simplesmente uma categoria concretizada em recursos lingüísticos e/ou retóricos, o próprio “processo de leitura se revela inerente como parte imprescindível da estrutura narrativa” (1999c, p.5). A pesquisa continua com a obra de Machado de Assis, pois “inicia, numa forma inovadora na literatura brasileira, o discurso com o leitor”,⁹ além de

“ter demonstrado em seus romances uma técnica textual capaz de interromper a narrativa para assim dirigir-se à figura do leitor e por ser contemporâneo do romancista Henry James, o qual constitui uma referência significativa para Iser. (Lisbôa, 2000).

Para que a comunicação ocorra

(...) é necessário preencher os vazios no texto. Segundo Queiroz (1997, p.89), “*assim como na relação face a face*

⁹ A inovação da interação narrador – leitor/narratário foi reconhecida e trabalhada por Câmara Jr. (1977)

a interação é controlada por planos de conduta e impulsionada pela inapreensibilidade da experiência alheia, do mesmo modo os vazios, enquanto assimetria fundamental entre o texto e o leitor, funcionam como elementos tensionadores e mobilizadores da interação entre essas duas instâncias”.

Assim, conclui Lisbôa (2000) previamente o seu estudo, é necessário e altamente fecundo para a visão narratológica, no âmbito da Teoria Literária, procurar “um equilíbrio entre ‘os papéis oferecidos pelo texto e as disposições do leitor’ (Iser, 1996, p.77)”.

Trabalhar com leitores empíricos comuns foi o objetivo de Ferreira e de Carvalho. Elas escolheram alunos da 5ª série para esse levantamento, guiadas pelo suporte teórico de Jauss e seus conceitos centrais, “horizonte de expectativa” e “quebra do horizonte de expectativa”, num contexto maior de verificar a experiência estética desses alunos. A justificativa da pesquisa encontra-se na realidade escolar:

Durante muitos anos o estudo e o ensino da literatura foram efetivados em bases estilísticas e formais, nos quais o autor e a obra ocupam o lugar central, isto é denominado por Jauss (1967) como estética de produção. O resultado desse tipo de postura contribui para a formação de leitores passivos, desacostumados a estabelecer sua própria interpretação de uma obra literária ou mesmo de um simples texto. (1999)¹⁰.

Baseadas nos pressupostos da Estética da Recepção, além do acompanhamento da pesquisa, Ferreira e Carvalho desenvolveram uma metodologia que busca “propiciar condições para

¹⁰ “Essa linha de estudo [sobre leitores comuns] foi promovida na Alemanha por estudiosos como H.Steinmetz, Hartmut Eggert, Hans Christoph Berg, Michael Rutschky e Günter Grimm, não havendo, até o presente momento, referências ao leitor empírico comum em obras genuinamente brasileiras” (Plano de Trabalho: Introdução” 1998).

que o leitor possa expressar opiniões pessoais a respeito da obra literária com a qual está interagindo” (1998). Por razões práticas, escolheram como leitores alunos da 5ª série do ensino fundamental, os quais deveriam ler algumas histórias de Hans Christian Andersen, selecionadas por duas razões: uma, por nelas estar inerente a intenção estruturada de despertar o leitor — na terminologia de Jauss, quebrar o “horizonte de expectativa”; a outra, pela própria experiência de Ferreira com contos de Andersen, o que estimulou a curiosidade científica das pesquisadoras.

Com isso, esperava-se que os leitores escolhidos emitissem suas opiniões sobre as histórias: será que se decepcionariam, ou melhor, “se despertariam” — nas palavras de Andersen — com o final inesperado e, muitas vezes, triste dos contos?

Antes de iniciar na pesquisa, as duas aprofundaram-se nos pressupostos teóricos e suas categorias: primeiramente era necessário trabalhar e denominar o conceito “leitor empírico” específico para esta pesquisa¹¹; segundo precisavam esclarecer a escolha dos textos literários: os contos infantis há muito questionados na obra de Hans Christian Andersen. Hoje, a obra de Andersen é, indubitavelmente, clássica da literatura infantil, “no dizer do poeta Auden: ‘Andersen foi o primeiro homem a fazer dos contos de fadas uma obra literária e inventar novas histórias de fadas deliberadamente’” (Paes, p. 8).

Então, foram selecionados sete contos para serem trabalhados: “A Pequena Vendedora de Fósforo”, “A Sereiazinha”, “O Isqueiro”, “A Menina que pisou no Pão”, “O Intrépido Soldadinho de Chumbo”, “O Patinho Feio” e “A Sombra”. Foi elaborado um questionário para os alunos e um percurso metodológico (p.e.,

¹¹ Cf. no Relatório Final (“Resultados”) e na apresentação na XVII Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE, Fortaleza, de 1 a 3 de setembro de 1999, como foi delimitado o leitor empírico de forma restrita em função dos objetivos da pesquisa. No segundo ano da pesquisa nas molduras do Programa de Iniciação Científica, as alunas modificaram o plano de trabalho objetivando um levantamento comparativo entre as leituras dos leitores empíricos comuns e leitores profissionais (estudantes avançados, professores e críticos literários): “Leitor e Literatura: um Estudo comparativo entre Leitores Comum e Leitores Profissionais, observando a Quebra do Horizonte de Expectativa na Recepção dos Contos de Hans Christian Andersen” (PIPES/UFGA, 1999).

interromper a leitura do conto num momento-chave da narrativa para testar a expectativa, e pedir uma criação de um possível final do conto, etc.); resumindo, Ferreira e Carvalho (1999b) constataam que para 98% dos leitores o horizonte de expectativa foi quebrado mas, ao contrário das hipóteses defendidas por alguns críticos, os contos — embora com quebra da expectativa — foram bem recebidos.

Os traços de melancolia e tristeza, segundo nossos interlocutores, percorrem alguns contos e têm sido por eles [os leitores] entendidos como um meio eficaz para tocar sua sensibilidade, de forma doce e terna.¹²

Além disso, uma grande maioria dos leitores comuns percebem as marcas estéticas da obra de Andersen. “Eles apontaram o maravilhoso, o realismo, a linguagem trabalhada, a aventura, a melancolia e a tristeza como principais características” (1999b).

Para o III Encontro do projeto IFNOPAP, Carvalho e Ferreira aplicaram a pesquisa às narrativas populares amazônicas. A narrativa *A Cobra de Prainha* (Simões, 1995, p.94-98) foi selecionada, o final acabou surpreendendo os leitores (a mãe não tinha coragem de desencantar os filhos, mas o soldado desencantou os filhos, pagando o preço do encanto), “envolvido e conduzido pelo narrador a esperar um determinado desfecho para a história [...] contrariando todas as hipóteses construídas ao longo da leitura” (1999c). E a respeito da experiência estética constatam, em seguida, que as

(...) marcas de oralidade não dificultaram a compreensão do texto. Dos trinta e dois interlocutores, vinte compreenderam a narrativa original sem problemas”. Portanto “os conceitos abordados pela estética da recepção podem ser aplicados às narrativas orais, propiciando um estudo desse

¹² As duas modificaram num segundo passo a narrativa, tiraram os marcadores da oralidade (repetições, verbos de encher, etc) e a adaptaram à linguagem escrita.

tipo especial de textos nos moldes em que se estuda uma obra literária. (1996c)

Compreendemos que o leitor empírico comum confirma seu direito histórico e didático como leitor ativo, realiza e concretiza o texto literário, tem critérios para perceber e avaliar a estética do texto, sem conhecer e aplicar uma terminologia específica da teoria literária. Isso deveria modificar o ensino da literatura a fim de liberar o aluno das leituras mastigadas e mecanizadas, tipo as do vestibular. A pesquisa de campo limitado, mas representativo para a situação educacional, prova que o tratamento da literatura na sala de aula deve pressupor e contar com um leitor ativo. Ensinar literatura de maneira prazerosa e educativa não é mais utopia, ou só assunto das pesquisas universitárias, deve entrar em prática, pois o leitor comum é ativo (se as condições de ensino permitam) e competente para a leitura literária. O aluno não precisa do professor como “muleta” para uma explicação simplificada e didática, precisa sim de um moderador e guia no aprofundamento teórico e histórico dessa percepção, reconhecendo que o ato de ler é uma atividade emancipativa no sentido de Paulo Freire.

* * *

A pesquisa sobre as propostas da Estética da Recepção, da Escola de Constança, aborda a relação entre literatura, teoria literária, história e sociedade e, particularmente como resultado implícito, a significação dos estudos sobre literatura e ensino da literatura. A atenção ao processo da recepção, da leitura e seus leitores envolve e exige uma reflexão sobre o ensino da literatura na Universidade. Por outro lado, abordar essa vertente recente no campo da teoria literária significa fazer um balanço das linhas gerais da ciência da literatura desde o final do século XVIII até hoje. A estética da representação a qual se desdobra sobre a obra, sua forma, seu conteúdo e sua mensagem desde a *Poética* de Aristóteles e a estética da produção que envolve a própria criação

literária e sua autoria (autor e/ou sujeito empírico) se fundamentam numa estética da recepção que envolve a leitura e o leitor.

O que é estética? Podemos perguntar neste instante. A ciência que trata o belo; a filosofia das belas artes. Com a fundamentação da disciplina da estética com Baumgarten (1735-50) e Kant (1790) no âmbito da filosofia, o estudo da teoria e crítica literária ganhou seu próprio espaço ao lado da história da literatura. Kant atribuía à arte uma “finalidade sem fim”, uma “satisfação desinteressada” e uma “beleza pura”, considerando a arte uma posição autônoma e libertadora, sem fins didáticos ou úteis — assim, um projeto idealista da filosofia do Iluminismo. Mas, naturalmente, a história do gosto, do belo é uma história parcial do belo, sua ideologia, seu cânone, etc. Não cabe aqui entrar nessa questão, só queremos apontar para nossos fins os “aspectos de toda *experiência estética*: um, *sujeito* (o sujeito que sente e julga), e outro, *objeto* (o objeto que condiciona ou provoca o que sentimos e julgamos)” (Nunes, 1989, p.13/14). O sujeito é o leitor como historiador, artista ou professor (Leitor I) — ou como leitor comum (Leitor III); o objeto, o livro, a obra de arte. O acontecimento chama-se leitura (Leitor II). O conceito “recepção/leitura” difere do conceito “público”, conseqüentemente a Escola de Constança não se identifica com a sociologia da literatura, ela se compreende como vertente teórica da hermenêutica literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI JR, Davi. *Outros Achados e Perdidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- BARTHES, Roland. La mort de l'auteur. In: *Le Bruissement de la Langue*. Paris: Seuil, 1969.
- BENJAMIN, Walter. O Autor como Produtor. In: _____. *Obras Escolhidas*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. P. 120-36. V.1.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. O Discurso Indireto Livre em Machado de Assis. In: _____. *Ensaio Machadianos*. Rio de

- Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977. P. 25-41. (Col. Lingüística e Filologia)
- CANDIDO, Antônio. A Dialética da Malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 8, p. 67-89, 1970.
- CARMO, Roberta Bandeira do. A História da Recepção Crítica das Obras *Lucíola, Iracema e Memórias de um Sargento de Milícias*. Belém, 1998a. (Plano de Trabalho do Programa de Iniciação Científica), CNPQ/UFGA. (Não publicado)
- _____. A História da Recepção Crítica das Obras *Lucíola, Iracema e Memórias de um Sargento de Milícias*. Belém, 1998b. (Relatório Parcial da Pesquisa no Programa de Iniciação Científica: Resultados Parciais), CNPQ/UFGA. (Não publicado)
- _____. A História da Recepção Crítica das Obras *Lucíola, Iracema e Memórias de um Sargento de Milícias*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários*. Belém, n. 1, p. 113-121, 1999.
- _____. A História da Recepção Crítica das Obras *Lucíola, Iracema e Memórias de um Sargento de Milícias*. In: Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, 17, 1999, Fortaleza. Anais da XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, setembro 1999c.
- _____. Estudos dos Valores Histórico-Literários em *Iracema*. In: Reunião da SBPC, 52, 2000, Brasília. Anais da 52.^a Reunião da SBPC, julho 2000.
- DUNN, Christopher. Desvendando Identidades Nacionais: os Discursos de Raça e Gênero em *Pocahontas e Iracema*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, n. 108, p.71-85, junho 1997.
- ECO, Umberto. *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula*. Trad. Mário Brito. Lisboa: Presença, 1983. (Original de 1979)
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: M. Fontes, 1997. (Original de 1983)
- FERREIRA, Ferreira T., CARVALHO, R. M. Siqueira de. A Receptividade e a Percepção dos Aspectos Estéticos dos Contos de Hans Christian Andersen por Leitores Empíricos da 5^a Série em Escola Pública Municipal. Belém, 1998. (Plano de Trabalho do Programa de Iniciação Científica), CNPQ/UFGA. (Não publicado)
- _____. A Receptividade e a Percepção dos Aspectos Estéticos dos Contos de Hans Christian Andersen por Leitores Empíricos da 5^a Série em Escola Pública Municipal. *Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários*. Belém, n. 1, p. 105-08, 1999.

- _____. A Receptividade e a Percepção dos Aspectos Estéticos dos Contos de Hans Christian Andersen por Leitores Empíricos da 5^a Série em Escola Pública Municipal. In: Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, 17, 1999, Fortaleza. Anais da XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, setembro 1999b.
- _____. Um Estudo sobre a Recepção de Narrativa Oral Realizado através da Experiência Estética do Leitor Empírico Comum. In: Encontro do IFNOPAP, 3, 1999. Apresentação no III. Encontro do IFNOPAP: Memória e Comunidade, Belém-Santarém, julho de 1999c.
- FIGUEIREDO, Maria do Carmo L. *O Romance de Lima Barreto e sua Recepção*. Belo Horizonte: LÊ, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um Autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3.ed. Lisboa: Veja, 1992.
- GENETTE, Gerald *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.
- ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura - uma Teoria do Efeito Estético*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: 34, 1996. V.1.
- _____. A Interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. (Ed.). *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. *A Literatura como Provocação (História da Literatura como Provocação Literária)*. Trad. Teresa Cruz. Lisboa: Veja, 1993. (Original de 1970).
- _____. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994 (Original de 1967).
- _____. Tradição Literária e Consciência Atual da Modernidade. Trad. H.Krieger Olinto et al. São Paulo: Ática, 1996 (Original de 1970).
- LIMA, Luiz Costa *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e Literatura*. 3. ed. São Paulo: Nacional 1977.
- LIMA, Luis Costa. O Leitor (d) a Literatura. In: LIMA, L. C. *Teoria da literatura em suas Fontes*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1984. V.2.
- LISBÔA, Élen Mariana M. Estudo do Leitor Implícito em *O Alienista*, de Machado de Assis, com Base no Conceito de Iser. Belém, 1988. (Plano de Trabalho do Programa de Iniciação Científica), CNPQ/UFGA. (Não publicado)

- _____. Estudo do Leitor Implícito em *O Alienista*, de Machado de Assis, com Base no Conceito de Iser. In: Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, 17, 1999, Fortaleza. Anais da XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, setembro 1999a.
- _____. Estudo do Leitor Implícito em *O Alienista*, de Machado de Assis, com Base no Conceito de Iser. *Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários*. Belém, n. 1, p. 97-103, 1999.
- _____. O Papel do Leitor em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com Base no Conceito de Leitor Implícito de Iser. Belém, 1999c. (Plano de Trabalho do Programa de Iniciação Científica), CNPQ/UFPA. (Não publicado)
- _____. O Papel do Leitor em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com Base no Conceito de Leitor Implícito de Iser. In: Reunião da SBPC, 52, 2000, Brasília. Anais da 52.^a Reunião da SBPC, julho 2000.
- PAES, José Paulo (seleção e prefácio). *Contos de Andersen*. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Círculo de Livro/Cultrix,
- NUNES, Benedito. *Introdução à Filosofia da Arte*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- PRESSLER, G. K. O Sonho toma Parte da História – sobre a Recepção de Benjamin no Brasil (1960 até hoje). *Cadernos de Filosofia e Ciências Humanas*. Belo Horizonte, n. 9, p. 94-103, out. 1997.
- QUEIROZ, Vera. *Crítica Literária e Estratégias de Gênero*. Niterói: EDUFF, 1997.
- SANT'ANA, Romulo. A Estética da Recepção e suas Traduções Brasileiras Belém, 1998. (Plano de Trabalho do Programa de Iniciação Científica), CNPQ/UFPA. (Não publicado)
- _____. A Estética da Recepção e suas Traduções Brasileiras. *Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários*. Belém, n. 1, p. 109-12, 1999.
- _____. A Estética da Recepção e suas Traduções Brasileiras. In: Seminário de Iniciação Científica da UFPA, 10, 1999b. Resumos do Plano do Trabalho para o X Seminário de Iniciação Científica da UFPA, nov. 1999. (CD-ROM)
- _____. A Estética da Recepção e suas Traduções Brasileiras. Belém, 1999c. (Relatório Técnico-Científico da Pesquisa no Programa de Iniciação Científica: Justificativa), CNPQ/UFPA. (Não publicado)

- _____. A Repercussão da Estética da Recepção no Brasil. Belém, 1999d. (Plano de Trabalho do Programa de Iniciação Científica), CNPQ/UFPA. (Não publicado)
- SILVA, Vítor M. Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 8.ed. Coimbra: Almedina, 1999.
- SIMÕES, Maria do Socorro, GOLDER, Christophe (org.). *Belém Conta...* Belém: Cejup/UFPA, 1995. (Série Pará Conta, 2)
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos, 41)